



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

O valor do ensino tradicional na sala de aula no contexto das metodologias ativas

**Cap Lucas Cerqueira Marques
(Opinião de inteira Responsabilidade do autor)**

2023

Sugestões e discussões sobre diferentes propostas pedagógicas e metodologias de ensino para uma aprendizagem mais significativa sempre fizeram parte do contexto educacional. Do ensino tradicional às chamadas metodologias ativas, buscar a melhor forma de ensinar para promover o aprendizado é um desafio constante para todo aquele que se lança à tarefa da docência. Na missão de se atingir uma aprendizagem mais significativa não é suficiente hoje apenas dizer ao aluno que a importância de dado assunto ou conteúdo ministrado será melhor compreendida no futuro. Se o estudante percebe que aquilo que aprende o ajuda a viver melhor ele se envolve mais (BACICH e MORAN, 2018).

Desse modo, a utilização de metodologias e procedimentos que possibilitem uma construção da aprendizagem baseada em situações e fatos concretos passa a ser bem mais atrativa. Metodologias ativas, modelos híbridos, aprendizagem para a compreensão, visível, são caminhos para o desenvolvimento dessa aprendizagem criativa, autônoma e colaborativa. A ênfase é dada ao protagonismo do estudante, ao seu envolvimento direto em todas as etapas do processo, com orientação de docentes e mentores (MORAN, 2021).

Nesse sentido, conforme Moran (2015), as metodologias de ensino precisam estar em consonância com os objetivos pretendidos. Se temos como objetivo que os alunos sejam mais criativos e proativos, as metodologias utilizadas têm de permitir um maior envolvimento destes em atividades que envolvam iniciativa, tomada de decisões e avaliação dos resultados. O autor salienta ainda que, nas metodologias ativas de aprendizagem, o aprendizado se dá a partir de problemas e situações reais; que os alunos vivenciarão depois na vida profissional, porém de forma antecipada, na sala de aula. De acordo com Andrade (2021), se em uma abordagem mais tradicional a aula se inicia com a demonstração de um conceito, de uma explicação ou de uma interpretação feita pelo professor e depois os alunos põe em prática esse conhecimento, nas metodologias ativas esse movimento tende a ocorrer de forma inversa. Na perspectiva das metodologias ativas, o papel dos professores como facilitadores passa a se valer da construção de roteiros, da apresentação de diferentes problemáticas, da ampliação dos possíveis cenários e dos caminhos a serem percorridos pelos discentes (BACICH E MORAN, 2018).

Um exemplo de metodologia ativa bastante utilizado, já há algum tempo, é a sala de aula invertida. O aluno tem contato com o material didático antes da aula presencial, por meio de tarefas extraclasse e, no horário da aula, os alunos são estimulados a trabalhar em grupo, com auxílio do professor para a resolução de problemas relativos ao conteúdo abordado (BERGMANN; SAMS, 2012). O professor trabalha as dificuldades dos alunos, em vez de fazer apresentações sobre o conteúdo da disciplina (EDUCAUSE, 2012).

Contudo, apesar das vantagens de seu emprego no processo de ensino e aprendizagem e, por que não dizer, do estímulo ao professor para adoção destas novas estratégias em sala, vejo também

dificuldades que muitas vezes tendem a ser ignoradas. Como salientado por Wood (2004), a pouca experiência com as novas metodologias pode gerar insegurança para os alunos, que não têm certeza de que estejam assimilando os conteúdos de forma correta. Devido às diferenças entre os novos processos e os métodos convencionais, os alunos podem se sentir perdidos na busca pelo conhecimento.

Ainda, tendo sido ensinado de uma forma mais tradicional e buscando implementar as metodologias ativas como professor em minhas próprias aulas, percebo a nítida tensão presente no embate entre seguir as tendências mais modernas de educação e manter a práxis que de fato traz a solidez para um aprendizado que cria raízes. No contexto da educação que se baliza no protagonismo, por exemplo, percebo em sala, majoritariamente, jovens que ainda não foram *treinados* a lidar com o acesso à avalanche de informações que diariamente estão expostos na palma da mão. E, talvez, o único momento do dia ou da semana que vão parar para fazer um registro manuscrito seja quando utilizo a lousa na sala de aula para expor conceitos, ideias e processos, e pedir para que também anotem em seus cadernos. A palavra que enfatizo é justamente a necessidade de ser treinado a aprender. Treinado para ouvir, para repetir, para memorizar, para resgatar a informação, para pensar. Infelizmente, tais objetivos têm perdido espaço no cenário da educação atual. Usar as palavras “memorização” e “repetição” quase que se tornaram pejorativas, como se não fossem essencialmente a base sobre a qual qualquer pensamento crítico e argumentativo se inicia. Penso, portanto, que o valor das estratégias do ensino tradicional, da educação clássica, não pode ser anulado ou renegado a um segundo plano, como se de menor qualidade fossem em comparação à metodologia de engajamento mais ativa.

Utilizo sala de aula invertida, ambiente virtual e situações-problema, e vejo benefícios quando dou ao aluno voz e responsabilidade na explanação ou proposição de soluções para problemas levantados em aula por meio de recursos variados. Mas como ele o fará com propriedade se ainda não domina o significado dos conceitos, dos símbolos, da linguagem científica, por exemplo, em uma aula de Ciências Naturais? Como haverá protagonismo sem o aprendizado da importância de se parar para ouvir, para ler, para se concentrar em um único foco: a lousa, o livro ou o professor? Em um emaranhado de ferramentas à sua disposição, percebo um aluno muitas vezes perdido, ainda que ele pense saber “navegar” pelo virtual. Não há mais paciência para ler apenas o livro. Ou para ouvir o professor e anotar as informações. Ou mesmo para elaborar seu próprio resumo. O aluno sabe que, após a aula, basta assistir a um vídeo explicativo ou ouvir um *podcast* de 3 minutos que a informação estará lá, pronta para ser acessada e sem muito esforço.

Penso que vivemos, na realidade da educação, a urgência dessa necessidade alarmante: o estudante precisa voltar a ser treinado a aprender. E, como qualquer treinamento de qualquer área, requer um objetivo bem definido, um bom mentor, um tempo estimado de execução, um resultado

esperado, a memorização como parte indelével do processo, o fracasso da tentativa sem êxito e as sucessivas repetições para que determinada habilidade seja dominada com maestria.

Por fim, é fato que as inovações ocorridas nas estratégias de ensino aprendizagem percorreram uma trajetória que passaram a ter como alvo um ensino mais dinâmico e significativo. Tais transformações foram e continuam sendo marcantes e importantes, influenciando tanto os objetivos da aprendizagem como os métodos que serão aplicados. Não obstante, o instrumento mais afinado não trará harmonia se não for manuseado por quem aprendeu a executar bem as notas, a custo de dedicação de anos a fio. A essência da educação continua sendo o ser humano, mesmo por que, na vivência da sala de aula, no imprevisto da energia cair, do aplicativo falhar, da conexão travar, do livro ser esquecido, resta ainda o professor, a lousa e o aluno. A velocidade trazida com as novas metodologias é inegavelmente útil e transformadora. Porém, nas palavras do poeta alemão Rainer Reike: *“tudo quanto é velocidade não será mais do que passado, porque só aquilo que demora nos inicia.”*

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. P. (org). **Aprendizagens visíveis**: experiências teórico-práticas em sala de aula. 1. ed. São Paulo: Panda Educação, 2021, 304 pp.

BACICH, L.; MORAN, J. (org). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Grupo A/Penso Editora, 2018.

BERGMANN, J.; SAMS, A. **Flip Your Classroom: Reach Every Student in Every Class Every Day**. Colorado: ISTE & ASCD, 239p., 2012.

EDUCAUSE. 7 Things you should know about flipped classrooms. 2012. Disponível em: <<https://library.educause.edu/resources/2012/2/7-things-you-should-know-about-flipped-classrooms>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

MORAN, José. **Mudando a Educação com Metodologias Ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

WOOD, E.J. **Problem-Based Learning**. *Acta Biochimica, Polonica*, v. 51, n. 2, p. 21-26, 2004.